

A Conversa virtual – dois exemplos em confronto¹

Rosinda Rodrigues

Escola Secundária Francisco Franco

1. Introdução

A conversa virtual ou conversa digital em rede, vulgarmente chamado *chat*, é a interacção desenvolvida entre dois ou mais interlocutores que comunicam, em tempo real, através de um canal de conversação localizado na Internet ou Rede.

Esta designação joga com os conceitos de presença virtual em oposição a presença real. A comunicação em presença real define-se pela coexistência dos sujeitos da enunciação no mesmo espaço e no mesmo tempo. O conceito de presença emerge da simultaneidade dessas três dimensões: o sujeito, o espaço e o tempo. A presença do sujeito é a presença do corpo enquanto um todo físico e psíquico, que se manifesta no olhar, nos gestos e na voz. A comunicação mediada por computador suprime a indiciabilidade do corpo / carne marcadora da presença do eu, mas preserva a intencionalidade do sujeito, a presença espiritual do eu no seu discurso. É a presença da palavra que fica na ausência do corpo identitário. A palavra expressiva torna-se a voz que se corporiza e se torna presente ao outro no espaço virtual de encontro, o espaço de comunicação em conexão simultânea.

A interactividade sob forma de diálogo, isto é, a comunicação dialógica desenvolvida em rede é uma prática conversacional dotada de organização textual particular, cujos contornos a isolam no conjunto das práticas discursivas. Configura a interacção verbal estruturada na emissão alternada de enunciados entre locutores, factor que a aproxima da comunicação oral em presença, mas apresenta forma escrita emitida e recepcionada, quase em simultaneidade, à distância.

Sendo o *chat* uma modalidade discursiva essencialmente divulgada entre jovens, tem praticantes também entre os adultos. O objectivo deste estudo é comparar o comportamento linguístico e interaccional de representantes desses grupos, em duas interacções, retiradas de um *corpus* de análise, que reúne um conjunto de modalidades dialógicas do género textual electrónico. São duas conversas autênticas, efectivamente produzidas e recolhidas por um dos participantes. Estas interacções conservam a forma ortográfica original como foram produzidas e registadas no *corpus*.

O estudo comparativo incidirá em duas vertentes: o plano da organização global da conversa e o plano relacional. No primeiro, mais do que verificar como se articulam os

¹ Este trabalho faz parte da investigação que está a ser levada a cabo, no âmbito da minha tese de doutoramento a apresentar na FCSH – UNL

cinco níveis do modelo hierárquico da análise conversacional, tal como o concebem autores como Kerbrat-Orecchioni (1990) e Traverso (1996) – a própria interação, a sequência e a permuta, níveis de unidades dialogais, e a intervenção e o acto de fala, unidades monológicas ou de produtor único – observar-se-á de que modo os interlocutores cooperam na construção da interação e como asseguram a coerência textual entre os diferentes níveis, respeitando as três grandes unidades estruturais – sequência de abertura, sequência(s) temática(s) e sequência de fecho. No plano relacional, interessa analisar o tipo de relação interpessoal que liga os interlocutores deste tipo de interação. Sabendo que o eixo da distância simbólica se desenha gradualmente entre os pólos da proximidade e da distância, – desdobrando-se em íntimo, familiar, próximo, cúmplice, solidário, formal e distante – em que ponto se posicionam os interactantes de cada grupo (Brown & Levinson, 1987; Kerbrat – Orecchioni, 1992). Relativamente ao eixo vertical do poder pretende-se verificar se se estabelece uma relação de igualdade ou de superioridade interaccional entre os interactantes. Para determinar o tipo de relação interpessoal, será útil observar os comportamentos linguísticos dos vários participantes, no que diz respeito a formas de tratamento, características do registo de língua, tempo de palavra, encadeamento temático da conversa, bem como a importância reservada à cortesia linguística.

2. Análise conversacional de duas interações

Os dois exemplos de conversa virtual, Interação 1 e Interação 2, distinguem-se, à partida, em alguns aspectos de natureza contextual, que definem o quadro de comunicação e condicionam o desenvolvimento da interação verbal.

A Interação 1 é uma comunicação colectiva. Tem como actores quatro jovens estudantes de 17 e 18 anos, três raparigas e um rapaz, que se conhecem há muito tempo, vivem na mesma cidade e alguns estudavam na mesma escola, no passado ano lectivo. Encontravam-se com grande regularidade na vida real e ainda com mais frequência no canal Messenger (MSN). Estão relacionados por laços afectivos de forte amizade e o objectivo da interação é manter vivos esses laços, é estarem juntos mesmo que seja em presença virtual.

A Interação 2 é um diálogo de dois adultos, um homem e uma mulher de idades bastante diferentes, que não se conhecem na vida real e se falam no MSN pela segunda vez. Vivem em cidades geograficamente afastadas e têm estatutos profissionais diferentes: ele é professor de filosofia e ela secretária. Pretendem conhecer-se melhor, propósito que se vai objectivando com algum humor, em simultâneo com o desenhar de uma certa estratégia de sedução mútua.

2.1. Organização global da conversa

As duas interações estão estruturadas nas três grandes unidades sequenciais que organizam a conversa informal, segundo o modelo hierárquico da análise conversacional em Sequência de Abertura, Corpo da Interação e Sequência de Fecho.

Na Interação 1, as três sequências afastam-se consideravelmente da estruturação da interação verbal prototípica. A sequência de abertura não realiza o habitual ritual de saudação que assinala a passagem do silêncio ao espaço da palavra. Pelo contrário, L1, a primeira interlocutora, abre a interação com um acto directivo de ordem, aparentemente a impor silêncio, cuja intensidade provocatória se consegue com um processo de estiramento gráfico, isto é, o prolongamento de uma sílaba pela repetida iteração do *e* mudo na intervenção (1) *cala-teeeeeeee*. A formulação de um enunciado com valor ilocutório de provocação denunciaria a adopção de um estatuto de superioridade interaccional relativamente ao interlocutor *e*, em outro contexto e com outro destinatário, constituiria uma ofensa verbal grave, ocorrência que exigiria uma estratégia de reparação apropriada. Neste caso, suscitou uma também apropriada reacção de surpresa, num acto directivo com estrutura formal de tipo interrogativo:

2.1.1. Sequência de abertura

Acto directivo de provocação

L1 (1) *cala-teeeeeeee*
 :D *****
 L2 (2) *oh*
que q eu disse?

As duas intervenções desta primeira permuta são construídas segundo um esquema paralelo de expressão verbal e expressão não verbal, em que cada turno de fala é constituído por um enunciado linguístico imediatamente seguido de uma sequência de grafemas e diacríticos que pretendem representar sorrisos e beijinhos. Este procedimento repete-se ao longo de toda a interação. A reprodução gráfica de expressões faciais é a tentativa de introduzir, na conversa virtual, as manifestações de proximidade próprias da conversa informal em presença real.

Porém, a primeira intervenção de L1 desempenha bem uma das funções atribuídas à sequência de abertura que é a de definir a situação de partida e determinar o “tom” da conversa. Com efeito, toda a interação se desenvolve em tom polémico, de provocação, marcado, já na segunda permuta, através da resposta negativa de L2, a intervenção / turno de fala (4) *NÃO*, em maiúsculas, à saudação complementar (3) *tas boa?* que lhe dirige L1:

Saudação complementar:

L1 (3) *tas boa?*
 :D
 L2 (4) *NAO*

A resposta negativa da intervenção reactiva (4) é um encadeamento não preferido (Levinson, 1983)², relativamente à intervenção iniciativa que com ela constitui o par adjacente, pergunta – resposta da saudação complementar. Os encadeamentos não preferidos exigem normalmente uma formulação mais elaborada do que os preferidos, de modo a prevenir uma potencial ameaça verbal, o que não se verifica neste caso.

A gestão global da interacção depende do comportamento linguístico dos participantes e, por conseguinte, da natureza da relação interpessoal que se estabelece entre eles. Relação que se desenha na sequência de abertura e se sedimenta ou se altera ao longo da interacção, de acordo com a troca de rituais inerentes à cortesia linguística e teoria das faces³. As sequências de abertura e de fecho são unidades altamente ritualizadas, dotadas de elevada fixidez linguística, conteúdo informacional pobre e sem valor ilocutório, mas com a função relacional de estabelecer uma ligação social harmoniosa entre os participantes da interacção. Nesta sequência de abertura, nenhuma das interlocutoras teve o cuidado de criar um bom ambiente conversacional. O único segmento discursivo de natureza fática, presente na fórmula de saudação complementar, perde essa funcionalidade pelo encadeamento negativo que suscita. O tom polémico que inicia a interacção mantém-se, pois, ao longo das trocas verbais entre as duas e mesmo depois entre todos os participantes.

A passagem da sequência inicial ao corpo da interacção não é nítida. A natureza da intervenção (4) desencadeia uma longa série de permutas verbais e não verbais que ultrapassam o conceito de abertura da interacção conversacional. O corpo da interacção não apresenta uma única sequência temática estruturada, apesar da conversa ter sido longa. Assiste-se a um encadeamento lúdico de permutas, ao acaso, sobre pequenos assuntos do quotidiano dos quatro jovens com brincadeiras, ordens, falsas ameaças, insultos, sempre em tom provocatório e jocoso.

² Levinson (1983, p.303) retoma a teorização de Schegloff e Sacks (1973) sobre os pares adjacentes:

“*adjacency pairs* are sequences of two utterances that are:

- (i) adjacent
- (ii) produced by different speakers
- (iii) ordered as a **first part** and a **second part**
- (iv) typed, so that a particular first part requires a particular second (or range of second parts) – e.g. offers require acceptances or rejections, greetings require greetings, and so on”

Todavia, o autor faz notar a não regularidade do conceito de pares adjacentes, entre outros aspectos, no que se refere à propriedade (iv) É de Levinson (*id.*: 293), a afirmação de que “questions can be happily followed by partial answers, rejections of the presuppositions of the question, statements of ignorance, denials of the relevance of the question, and so on”. Por conseguinte, uma primeira parte não se restringe a uma segunda parte específica, mas espera um leque de ocorrências possíveis. Torna-se, pois, necessário recorrer ao conceito de “organização preferencial” (*id.*: 307) segundo a qual os encadeamentos potenciais de reacção à intervenção iniciativa de um par adjacente não têm todos a mesma probabilidade de ocorrência. Existem, pelo menos, duas categorias de resposta, a “preferida” e a “não preferida”.

³ Os rituais interpessoais são esquemas recursivos de actuação linguística e não linguística do domínio das trocas sociais que visam manter ou restabelecer o equilíbrio interaccional. São actos formais e de natureza convencional utilizados para manifestar atitudes e sentimentos, como se lê na definição de E. Goffman (1973:73), “Le rituel est un acte formel et conventionalisé par lequel un individu manifeste son respect et sa considération envers un objet de valeur absolue, à cet objet ou à son représentant”.

A sequência de fecho, longe de terminar a interação de forma harmoniosa, como é suposto numa conversa informal entre amigos, mantém ainda o tom de disputa. É um ritual de despedida longo, alternando fórmulas de despedida com relançamento dos tópicos da conversa, sempre em tom provocatório. É característica do comportamento jovem verificar-se a fragmentação da intervenção de cada locutor em segmentos que são enviados em vários impulsos, aquilo a que Baron (2005) chama unidades de transmissão. Também é comum terminar o turno de fala com o acrónimo LOL (laugh out loud), com uma carinha ou outra forma de linguagem pictográfica.

2.1.2. Sequência de Fecho

- L1 (1) *bem meninos
ou melhor
meninas (sim tas incluido roberto)
vou dormir
:D *****+*
- L3 (2) *lol*
- L1 (3) *ate amanha*
- L2 (4) *lol
vais dormir
ou passear?
lol*
- L1 (5) *é com pena minha que deixo esta
conversa produtiva
:S*
- L4 (6) *helena*
- L3 (7) *lol*
- L4 (8) *tás-t a habilitar*
- L3 (9) *tmb já vou
adios
(nadia tenho pena mas vas ter q aturar
o rob sozinha)*
- L1 (10) *robertinho .. i love ya
lol
nadia um pouco dos 2
lol*
- L2 (11) *imagino
ainda vais a cozinha*
- L4 (12) *penaaaa*
- L1 (13) *pois vou*
- L2 (14) *blabla
ah*
- L1 (15) *mas n posso levar o pc
:S*

- L4 (16) *sofia ela fica bem feliz ..*
haha
- L2 (17) *eu despacho o roberto num instante*
lol
- L1 (18) *LOOL*
é assim msm!
bem
vou msm
 :D *****
- L3 (19) *ui*
- L1 (20) *te amanhã*
- L4 (21) *bazaa*

A intervenção iniciativa (1) de L1 abre um pré-fecho, anunciando que vai deixar a conversa e, em simultâneo, realiza mais um acto de provocação dirigido a L4, o único elemento masculino do grupo. Em (3), L1 formaliza o acto de despedida, mas a interacção não fecha efectivamente, porque apenas L3 aceita o anúncio de despedida, os outros participantes encadeiam intervenções de natureza diferente: L2 faz uma pergunta na intervenção (4) e L4 responde à provocação com ameaças numa intervenção dividida entre os turnos de fala (6) e (8). As intervenções (6) e (8) realizam actos de fala, assertivo e directivo respectivamente, que relançam a interacção. Os quatro interlocutores ainda prolongam a interacção com várias trocas verbais até que L1 inicia a despedida final em (18). Este turno de fala contém duas intervenções. A primeira parte *LOOL //é assim msm!* É uma intervenção avaliativa que encadeia e fecha uma permuta extensa, iniciada por L3, em (9), com uma intervenção que se refere a L4 e é dirigida a L2, mas que recebe encadeamentos de todos os participantes, alternando com intervenções de natureza diversa:

- L3 (9)

(nadia tenho pena mas vas ter q aturar
o rob sozinha)

- L4 (12) *penaaaa*

- L4 (16) *sofia ela fica bem feliz ..*
- L2 (17) *eu despacho o roberto num instante*
lol
- L1 (18) *LOOL*
é assim msm!

A segunda parte de (18) *bem //vou mesmo // :D ****** é uma intervenção iniciativa que assinala o início da despedida final que se completa em (20). É L4 quem

efectivamente fecha a interacção com um acto directivo de ordem nada cortês, (21) *bazaa*, mas que ele suaviza fazendo-o acompanhar do símbolo pictográfico de beijinhos *****.

O esquema prototípico da organização estrutural da conversa informal corresponde bem à Interacção 2. São claramente delimitadas as sequências demarcativas de abertura e fecho, bem como o corpo da interacção, com duas sequências temáticas distintas.

2.1.3. Sequência de abertura

Ritual de saudação inicial seguida de amabilidade

- L1 (1) *oi*
 L2 (2) *olá rita*
obrigado por apareceres no meu msn
gostava é q continuasses a falar
 L1 (3) *pois*
eu estou aqui

A saudação de L2 seguida do agradecimento pela presença virtual de Rita e o convite ao prosseguimento da conversa manifestam o prazer que o encontro proporciona e criam um ambiente favorável ao estabelecimento do contacto psicológico, na impossibilidade de um contacto de maior proximidade física. É um procedimento de cortesia linguística positiva por antecipação⁴. O interactante masculino inicia aqui uma estratégia de envolvimento conversacional que desenvolve ao longo da interacção.

2.1.4. Corpo da interacção

No corpo da interacção, é possível identificar duas temáticas que evoluem paralelamente em tom divertido e de desafio:

1. Conhecer o outro e dar-se a conhecer

- L2 (6) *eu moro no funchal*

 L1 (11) *então tens sotaque*

 (13) *tu a madeirense...eu eu a quarto*

⁴ Chama-se cortesia linguística, na designação portuguesa de D. A. Rodrigues (2002), ao comportamento social que se exprime linguisticamente e se manifesta na gestão global da interacção verbal. Este conceito tem sido largamente teorizado, porém aceita-se o modelo desenvolvido por Penelope Brown e Stephen Levinson (1987) como o quadro teórico mais coerente. Neste quadro teórico, a cortesia linguística traduz-se em actos linguísticos capazes de prevenir ameaças verbais à face dos interlocutores (cortesia negativa) e os actos que se destinam a valorizar a imagem do interlocutor, como o cumprimento, constituem anti-ameaças (cortesia positiva).

2. Estratégia de sedução

- L1 (39) *então o transito pára quando atravessas a rua, ã?*
 L2 (40) *so para o ppl nao falar para o boneco se o sinal estiver vermelho...*

A enunciação de uma asserção avaliativa de natureza valorativa em (39) é mais um acto de cortesia com o qual L2 pretende valorizar a face positiva da interlocutora, prosseguindo a sua estratégia de envolvimento, com intencionalidade comunicativa particular. O recurso ao humor na intervenção reactiva (40) é o procedimento textual de que L2 se serve, para não deixar estreitar demasiado a distância simbólica entre os dois.

A sequência de fecho cumpre a função de concluir harmoniosamente a interacção. Perante um silêncio prolongado, L2 interrompe a comunicação, justificando a sua saída com o facto de L1 estar ocupada e ter o chefe por perto, mas assegura que a conversa possa continuar mais tarde, sem esse tipo de constrangimentos.

2.1.5. Sequência de fecho

- L2 (33) *...vou tomar banho num instante*
 (35) *até já*

 L2 (43) *olha! enquanto o teu chefe anda por aí, eu vou num instante tomar banho já volto*
 L1 (44) *xau*

Não é o ritual de despedida comum. Inicia-se com um pré-fecho, segue-se um relançamento temático sobre as contingências profissionais de Rita e finalmente esta interlocutora fecha definitivamente a interacção.

2.2. Quadro participativo

O quadro participativo da Interacção 2 é muito claro. Os dois interlocutores assumem alternadamente os papeis interlocutivos de emissor e de receptor, de modo a assegurar o bom desenvolvimento da interacção e a coerência da conversa. Contudo, verifica-se alguma falta de sincronização interaccional entre os dois locutores, desde o turno de fala (32) até ao (38), que a interactante *Rita* justifica com o facto de se encontrar no local de trabalho. A disparidade de estatutos profissionais não interfere na natureza da conversa. Trata-se de uma interacção simétrica.

O quadro participativo da Interacção 1 não é uniforme ao longo de toda a interacção. Na primeira parte, as trocas comunicativas estabelecem-se entre duas participantes, *H* e *nadia*, que, alternadamente, nos papeis de emissor e de receptor, asseguram a progressão da conversa. Na segunda parte, o quadro participativo é alargado a quatro locutores, um emissor e três receptores de pleno direito ou

“ratificados” (Goffman, 1974), que assumem, à vez, os papéis interlocutivos, não sem alguns problemas na regulação da alternância dos turnos de fala. Efectivamente, quando um deles ocupa a posição de locutor os restantes ocupam colectivamente a posição de alocutário. Por vezes, o locutor individualiza um alocutário, nomeando-o. Criam-se, assim, duas categorias de alocutários: o directo e os indirectos. Acontece mesmo que o locutor *H*, na sequência de fecho, designa dois alocutários directos num único turno de fala, em (10), e dirige uma intervenção diferente a cada um deles. Nesta parte da interacção, não se respeita o tempo de palavra de cada participante e as sobreposições frequentes manifestam-se no entrecruzar de intervenções. Por exemplo, *L4, Robert** reage em (12) e (16) à provocação que lhe dirige *H* em (9). Nesse intervalo, os outros interactantes trocam permutas de conteúdo diverso.

2.3. Relação interpessoal

Assim, neste quadro comunicativo, como se caracteriza a relação interpessoal que os participantes constroem no decurso da interacção? Os factores que definem a distância simbólica são o grau de conhecimento mútuo, o laço socio-afectivo e a natureza da interacção.

2.3.1. Relação horizontal

O grupo de jovens caracteriza-se por uma grande proximidade mesmo na vida real, partilhando um conhecimento antigo, pessoal e profundo. São amigos íntimos e, por conseguinte, a interacção é uma conversa informal e simétrica, que dispensa estratégias de cortesia, preferindo seguir um percurso conversacional lúdico de provocação e desafio, desde o momento em que esse tom é compreendido e aceite. Apenas o último participante a entrar na conversa, *Robert**, a quem ninguém deu a conhecer a intenção comunicativa, não chegou a compreender totalmente o cenário que as amigas tinham desenhado. As suas intervenções reactivas são, por isso, marcadas por uma certa descortesia verbal, mas sempre recebidas com humor.

Na segunda interacção, assiste-se ao início de um relacionamento virtual. Ainda não existem laços socio-afectivos, porém a conversa é também informal e simétrica. É, pois, uma proximidade virtual proporcionada pela imediaticidade da Rede.

2.3.2. Relação vertical

No que diz respeito à distância vertical do poder, trata-se também de uma relação igualitária nos dois casos. Na Interação I, os quatro interlocutores estão em situação de igualdade em termos etários e de domínio do código linguístico e pictográfico da escrita electrónica. A conversa constrói-se interactivamente com alternância de turnos de fala na primeira parte da conversa, porém, na última parte, a construção colectiva da interacção não respeita o tempo e o turno de fala de cada um, verificando-se, com frequência, entrecruzamentos de intervenções. Contudo, há simetria no sistema de lugares. Todos acedem, do mesmo modo, aos papéis de emissor e de receptor. O tom da

conversa é provocatório e jocoso com insultos, ordens, ameaças e risos, mas não há lugar a pedidos de desculpa ou outras formas de cortesia linguística, porque se trata de uma forma de jogo conversacional partilhado, a que todos aderem depois de terem percebido as regras e ultrapassado a fase inicial de estranheza.

A Interação 2 é igualmente igualitária. Não se verifica hierarquização de lugares apesar da diferença de idades (embora a maior extensão dos enunciados do interlocutor masculino possa ser reflexo dessa diferença) e da disparidade de profissões – secretária e professor de filosofia – factor que poderia impor uma posição de dominância intelectual. A menor duração e posse de palavra de Rita deve-se a circunstâncias contextuais. O território conversacional delimitado é favorável aos dois interlocutores, sem que o tema de conversa confira superioridade interaccional a qualquer dos interactantes.

No que diz respeito aos temas de conversa, as duas interações abordam aspectos do domínio privado. São pequenos assuntos pessoais que chegam a entrar no campo da intimidade. A Interação I realiza o pleno exercício da função fática. Os participantes apenas querem usufruir do prazer de estarem virtualmente juntos. Esse tempo comum ocupam-no com pequenas provocações interpessoais, exprimindo estados de humor, com uma grande cumplicidade. A Interação II incide na troca de informações de natureza pessoal e numa certa tentativa de sedução de parte a parte.

2.3.3. Marcadores de proximidade

A proximidade relacional exprime-se textualmente através de marcadores de natureza verbal e não verbal. São marcadores verbais de proximidade o uso simétrico e recíproco do pronome de tratamento TU nas duas interações, o uso do nome próprio de todos os participantes, incluindo um nome carinhoso, embora empregue com ironia: *robertinho...i love ya*, na Interação 1 e o nome próprio de um dos participantes, *rita*, na Interação 2. É de salientar que estes internautas abandonaram o uso de pseudónimos, ou *nicknames*, criativos para se identificarem. Ou mantêm os próprios nomes ou escolhem denominações que facilmente os permitem identificar. É o caso de *H* parra Helena e de *Robert** para Roberto. A locutora feminina da Interação 2, que se identifica no MSN como *sexy rita*, durante o diálogo usa apenas *rita*.

Os marcadores não verbais de proximidade são sobretudo o fluxo rápido, que não respeita o tempo de fala de cada locutor, e o uso abundante de risos (lol), sorrisos (pictogramas), beijinhos (*), onomatopeias (blabla) e interjeições na Interação 1. Na Interação 2, os interlocutores manifestam grande à-vontade nas suas intervenções e exprimem o riso através do acrónimo *lol* e da interjeição *hehehe*.

2.4. Discurso jovem e discurso de adultos

É possível verificar que existe uma assinalável diferença no comportamento linguístico exibido pelos representantes de cada grupo etário na comunicação escrita electrónica. Os marcadores referenciados correspondem a procedimentos de escrita

rápida e constituem fenómenos relacionados com diferentes áreas dos estudos linguísticos (ou com elas correlacionados):

Morfo-sintático

Amálgama de expressões: *que q eu disse* (o que é que eu disse) *q q tens* (o que é que tens)

Redução de palavras pela supressão de grafemas: aférese :*ta* (está), síncope: *nda* (nada), *pgtou* (perguntou); apócope: *ag* (agora), *pa* (para)

Redução de expressões à inicial de cada lexema, dando origem a acrónimos: *ddtc* (de onde teclas); *lol* (laughing out loud); *pc* (personal computer)

Fonéticos

Escrita fonética: *i* (e), *q*, *k* (que)

Introdução de um acento de intensidade, por:

a) Acrescentamento de grafema: *veh*

b) Repetição de grafemas: *cala-teeeeeee; bazaaaa*

Lexicológicos

Criação de novas palavras: *teclar*

Sintáticos

Predominância de frases curtas e fragmentos de frase enviados em impulsos sucessivos, com quase total ausência de pontuação e sempre em minúsculas, excepto quando a maiusculação é intencional

Ortográficos

Supressão total das vogais, reduzindo a palavra ao esqueleto consonântico: *msm* (mesmo), *tmb* (também)

Supressão de acentos gráficos: *ate* *amanha*, *logica*

Sociolinguísticos

Uso de marcadores discursivos variados que circulam entre os membros de uma comunidade virtual jovem: Fórmulas de saudação como *oi*, *xau*, *jokas*, lexemas como *bazar* (com o sentido de sair da interacção), expressões em inglês *wake up*, *i love ya* e em espanhol *adios*, mas também marcas de oralidade como as interjeições *haha*, *oh*, *ah*, e a onomatopeias *blabla*

Integram-se ainda neste grupo o uso frequente de pictogramas, carinhas ou risonhos e diacríticos, em substituição da linguagem não verbal, para expressar a componente emocional da comunicação de forma rápida.

No que diz respeito à interacção 2, não se verifica a ocorrência de muitos dos fenómenos referidos acima, porém assinalam-se algumas reduções vocabulares, muito pouca utilização de pictogramas e outras formas gráficas, a expressão do riso varia entre *lol* e *hehehe* e o locutor mais velho mantém os acentos gráficos. O traço mais marcante é a utilização de alguns enunciados longos, frases complexas tanto por coordenação como por subordinação no discurso deste interlocutor. A interlocutora L1 fornece um grande número de informações, mas prefere enunciados curtos que formula em diferentes turnos de fala e num discurso acentuadamente elíptico, embora também enuncie alguns casos de subordinação e até de coordenação assindética.

É obvio que as ocorrências verificadas nestes dois exemplares não permitem generalizar um registo de jovens e um registo de adultos. Será necessário considerar um *corpus* alargado para poder chegar a conclusões. Contudo os marcadores seleccionados são indicadores da existência de diferenças nas práticas linguísticas, manifestadas no discurso conversacional electrónico em grupos etários diferentes.

Fazer a análise do discurso conversacional electrónico leva a interrogar a relação entre linguagem, escrita e imagem. Jacques Anis (2001b) afirma que a comunicação escrita electrónica conversacional se funda no cruzamento entre o princípio alfabético e estratégias secundárias pictográficas, ideográficas e silábicas. Este linguista define este discurso como uma variedade de língua escrita que se serve de pictogramas ou signos-ideias, como as carinhas ou *smileys* e afins; de logogramas ou signos-palavras, como BRB = “be right back” ou LOL = “laughing out loud”; silabogramas ou signos-sílabas como CY = “see you”; fonogramas ou signos-fonemas, que podem suprimir todas as vogais, como *msm* e *tmb* ou podem manter algumas vogais mas com simplificação, como *tva*, *pgtou*, *bjos*⁵. Acrescenta-se a esta lista o recurso frequente a lexemas e expressões em língua inglesa.

Estes e outros traços encontram-se abundantemente nas conversas electrónicas dos jovens e estão muito pouco presentes nas dos adultos. São manifestações que não têm reflexo permanente no sistema da língua, mas que favorecem a criação e inovação linguística. Uma língua viva e dinâmica faz-se sentir mais intensamente pertença de todos e de cada um. Porque comunicar por escrito de forma rápida, imediata e sem constrangimentos de natureza formal está agora ao alcance de qualquer pessoa, desde que tenha acesso a um computador e à Internet. É também Anis que qualifica esta forma de comunicação como “un écrit brut, familier, affectif, ludique, socialisant”, isto é, um escrito que se realiza do mesmo modo que a língua falada em situação informal. Todavia, esta forma de escrita serve-se de um espaço gráfico imaterial como superfície de inscrição e, por isso, constitui um escrito efémero cujo registo não perdura.

3. Conclusão

Conclui-se que, apesar de algumas diferenças evidenciadas entre as duas interações, a conversa virtual desenvolvida entre os interactantes dos dois grupos etários é idêntica em muitos aspectos. O cenário predefinido pela natureza do *media* impõe a verificação de certas regularidades. No entanto, há diferenças consideráveis. Há diferenças de conteúdo, diferenças na natureza da abordagem interpessoal e diferenças na utilização da linguagem, do código linguístico e sobretudo do código iconográfico da Internet.

Esta prática discursiva dialogal, que se produz e se dá a ler como escrita, mas que tenta reproduzir o carácter informal, imediato e espontâneo da oralidade, deve a sua natureza híbrida aos dispositivos tecnológico-digitais que estabelecem a mediação entre os sujeitos em comunicação. Efectivamente, o utilizador tem à sua disposição os meios

⁵ Fenómenos que preferimos classificar como sendo de natureza morfo-sintáctica e ortográfica, porque são unidades que se verificam apenas na escrita e não têm realização fonética meramente consonântica.

que lhe permitem utilizar o código da língua escrita e simultaneamente subvertê-lo, convertendo-o num sistema escritural multisígnico que combina signos linguísticos com signos pictográficos e signos alfanuméricos, mas que é também um sistema económico de escrita que, por necessidade de rapidez, desenvolveu uma série de fenómenos de redução gráfica. Deste modo, constitui, ao mesmo tempo, um código simplificado e complexo de escrita que imprime ao acto de escrever a imediaticidade capaz de anular a distância física, mas também a distância simbólica que separa os participantes da conversa virtual. De facto, os interactantes, velhos e novos conhecidos, adoptam atitudes e comportamentos linguísticos de completa naturalidade, apenas justificável pelo carácter não visual do dispositivo electrónico de comunicação, que, por certo, favorece o encontro.

Sem querer generalizar, parece-nos que os jovens acentuam a vertente oral da conversa em rede e os adultos menos jovens mantêm-se relativamente próximos da comunicação escrita tradicional. Por outro lado, os jovens utilizam cada vez mais o MSN como ponto de encontro de amigos e os adultos para fazer novos amigos.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1999) *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan
- Anis, Jacques (2001) *Parlez-vous texto ? Guide des nouveaux langages du réseau*. Paris: Le Cherche Midi
- Anis, Jacques (s.d.) *Communication électronique et nouveaux usages linguistiques*. Disponível em http://membres.lycos.fr/jacques92/Langages%20et%20communication_fichiers/v3_document.htm
- Baron, Naomi (2005) *Discourse Structures in Instant Messaging*. Disponível em <http://www.american.edu/tesol/Baron-Summer%2005%20version.pdf>
- Brown Penelope & Levinson Stephen (1987) *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press
- Goffman, Erving (1974) *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1990) *Les Interactions Verbales I*. Paris: Armand Colin
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1992) *Les Interactions verbales II*. Paris: Armand Colin
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (2001) *Les Actes de Langage dans le discours*. Paris: Nathan
- Levinson, Stephen (1982) *Pragmatics*. Cambridge: University Press
- Martin, Marcienne (2007) *Le langage sur l'Internet, un savoir-faire ancien numérisé*. Paris: L'Harmattan
- Maingueneau, Dominique (1993) *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes Editores
- Maingueneau, Dominique (2002) *Analyser les textes de communication*. Paris: Nathan
- Moeschler, J. 1985. *Argumentation et Conversation. Éléments pour une analyse pragmatique du discours*. Paris: Hatier-Crédif